

MEU ENCONTRO COM PAULO FREIRE

tem sido através de seus textos. Meu primeiro conhecimento dele foi pelo trabalho de alfabetização que os universitários realizavam na década de 60. A influência foi muito grande sobre mim, e quando me propus pós-graduar-me em filosofia, a escolha foi filosofia da educação e o autor Paulo Freire. De meu mestrado resultou a dissertação *O sentido do outro em Paulo Freire*. Embora o Moacir Gadotti muito me tenha dito de publicá-la, até hoje permanece datilografada.

Já nesse estudo comparava os fundamentos da pedagogia de Paulo Freire com a *Filosofia da Libertação* de Enrique Dussel e a *Ética como Filosofia Primeira* de Emmanuel Lévinas. "Sentido do outro" significava estar no *sentido* do outro e ser pelo sentido do *outro*. Uma *Sinnggebung* às avessas. O estudo se limitou aos textos de Paulo Freire até *Pedagogia do Oprimido*.

Meus contatos pessoais com Paulo Freire foram poucos. O primeiro se deu quando, recém chegado ao Brasil depois do exílio, levei-o de carro até Carapicuíba SP, para um encontro de comunidade de base. Minha esposa estava grávida, e na segunda vez que estive com ele logo me perguntou pela criança, grande delicadeza.

A segunda vez foi no apartamento em que morava nas Perdizes, bairro de São Paulo. Relatei-lhe o projeto de doutoramento que apresentara na UNICAMP. Louvou-me pela abrangência de que se revestia e porque incidia sobre a questão da política e dos partidos políticos, que "não emplacariam o final do século". Depois, estive na sua atual residência no Sumaré, também um bairro de São Paulo, para lhe levar um exemplar da minha tese de doutoramento, aprovada com "máxima distinção". Nessa oportunidade, também estava em sua casa Sérgio Guimarães. Outra vez estive presente ao lançamento de *Pedagogia da Esperança*, no SINPRO, "Sindicato dos Professores da cidade de São Paulo". A última foi nos corredores da Universidade Católica de São Paulo. Paulo Freire é uma personalidade muito forte, convicta e acolhedora.

"Paulo Freire entre o grego e o semita - Educação: filosofia e comunhão" foi o estudo para o doutoramento. Em páginas computadorizadas, tem exatamente 694. Ao mesmo tempo que busco uma *interpretação* de seu pensamento, entendo *sistematizá-lo* documentadamente. A *sistematização* vem da oposição "entre o grego e o semita", "tradições diversas como o *dia* e a *noite*" (ENRIQUE DUSSEL). A *documentação* vem de um percurso exaustivo por todos os seus textos até 1992. Não há nenhum estudo desse feitio, *analiticamente sistematizador* da obra Paulo Freire no seu todo.

O que é "entre o grego e o semita"? O grego é o mesmo da *filosofia*. O semita é o mesmo da *comunhão*. Para o "grego", parto de *El humanismo helénico* de Enrique Dussel. Os *indo-europeus* surgiram por volta de 3.000 a.C. nas estepes da Ásia Central ao norte do Mar Aral. Domesticaram o *cavalo* e foram guerreiros expansionistas. O *grego* gerou uma das culturas indo-européias. Para o "semita", parto de *El humanismo semita* do mesmo Enrique Dussel. Os *semitas* surgiram por volta de 2.500 a.C. na Península Arábica. Domesticaram o *camelo* e foram de "indole e caráter de extrema dureza, mas, ao mesmo tempo, de grande fidalguia, fidelidade e altruísmo" (ENRIQUE DUSSEL). O *judeu*, com o monumento da BÍBLIA, referiu o legado dos semitas desde HAMMURABI. A cultura indo-européia é do *Dia*, para domínio da espacialidade *física*. A cultura semita é da *Noite*, para cultivo da temporalidade *psíquica*. Amplio essas reflexões com *Totalidade e Infinito* de EMMANUEL LÉVINAS. A *Totalidade* vale para o grego e o *Infinito* vale para o semita. A *Totalidade* é projeto da *razão*. O *Infinito* é moção do *desejo*.

Paulo Freire "entre o grego e o semita" é Paulo Freire entre "Ser e Razão" e "Bem e Desejo". São as duas grandes partes em documento seu pensamento. O primeiro é Paulo Freire de "teoria do conhecimento", pela qual o "objeto" mediatiza a relação do "homem com o mundo" e do "homem com o homem". O segundo é Paulo Freire de "opção política" em favor do *oprimido*, "Bem e Desejo" conferindo *sentido* à *operacionalidade* de "Ser e Razão".

No entanto, de *conscientização* para *práxis* - dois nomes originais de sua pedagogia -, o predomínio em Paulo Freire é do *conhecimento*. Põe a *libertação* do oprimido em "teoria e prática", não bem esclarecendo serem conduzidas pelos "pensamentos do coração". A expressão é do semita - "judeu-cristão" por

autonomia - "o pecado se aninha no fundo do coração" (Sl 36,2). Do profeta Jesus de Nazaré: "Bem-aventurados os puros de coração" (Mt 5,8) e "o que sai da boca procede do coração e é o que torna o homem impuro" (Mt 15,18). Não que Paulo Freire se afaste disso, tendo por camaradas "Marx e Cristo". Pelas circunstâncias históricas em que desenvolveu seu trabalho, Paulo Freire *semita* era contido pelo grego, se punha o *profeta* antes do *revolucionário*. Foi uma *pendência* "entre o grego e o semita". Não deixei sem estudo um tema da obra de Paulo Freire, dos antigos aos recentes, dos mais aos menos conhecidos. Procuro indicar em todos eles o que procede da *ilustração* helênica e da *inspiração* cristã.

É fundamental a diferença entre o dualismo "corpo-alma" do grego e o monismo "carne" do semita. Isso é tão difícil de discernir que habitualmente se entende "ressurreição da carne" como "imortalidade da alma". Uma coisa é o "eterno retorno" do homem na *phýsis* e outra a "criação" do homem por *Iahweh*. Para o semita, "vive-se fora de Deus, junto a si, é-se eu, egoísmo. Certamente é uma grande glória para o criador ter posto de pé um ser capaz de ateísmo, um ser que tem olhar e palavra independentes" (LÉVINAS). Isso tem a ver com "aprender a dizer a sua palavra". Contrariamente, por mais subjetiva que seja a razão face ao objeto, haverá de se conformar à impessoalidade da Deusa Razão! A história não é possível no "sempre e divinamente" (*aei kai theíon*) do grego. A história é possível "intersubjetividade ou metafísica da aliança" do semita (DUSSEL).

Assim, não afastando a verdade de uma "educação política", vejo que não se pode deixar de apontar a *especificidade* da educação face à política. A educação é primeiramente *ética*, o "encontro" interpessoal. O educativo desse encontro é o "testemunho de liberdade e responsabilidade". Imbuído do semita, digo que esse testemunho não pode ser sem "ternura" (*hesed*, também "amor"). Dizia Paulo Freire, no princípio, de "diálogo amoroso". Forjo *e(ró)tica*, desde o grego *éros*, dizendo que, para a "*humanidade* do homem", *eros* é ético ou é "a arte de ganhar por todos os meios a guerra" (LÉVINAS), a política por Maquiavel.

Dou a parte de meu estudo que estuda Paulo Freire o título de "Pedagogia do oprimido", título de uma obra que é título de toda a obra. Em dois subtítulos, "Ser e Razão" e "Bem e Desejo", sistematizo o pensamento do educador esparso nos seus textos. Minha crítica é benévola, porque Paulo Freire é insuperável em estabelecer que o *educador* não pode desconhecer o *político* que é. Às vezes é contundente, por não ter posto *claramente* no cabeçalho de sua obra que o *ético* preside ao *político*. Numa frase do judeu Lévinas: "A consciência moral não pode suportar o olhar escarminho do político se a certeza da paz não dominar a evidência da guerra". Entre os camaradas, Paulo Freire mais parece se *ilustrar* em Marx do que se *inspirar* em Cristo.

Por que Paulo Freire depois do enterro que se faz do socialismo e do marxismo? Primeiramente, porque o enterro se faz com a criatura ainda viva. Viva no coração de Paulo Freire e no meu coração. O marxismo é uma forma *operacional* do socialismo que é uma forma *operacional* da economia política. Propostas para substituir a forma *operacional* da economia capitalista, afinal se definem pela *justiça* social. Isso é *semita*, contra todos os *fétiches*. Religião é fazer justiça "ao pobre, à viúva, ao órfão e ao estrangeiro" (ISAÍAS). Símbolos, naquele tempo, da *opressão*, hoje somos todos que, sabendo ou não de IAHWEH, dizemos de nós mesmos e de todos que "viver consiste em morder com todos os dentes os alimentos do mundo, em agradar-se com o mundo enquanto riquezas. Aí reside a verdade permanente das morais hedonistas. Na origem há um ser cumulado, um cidadão do paraíso" (LÉVINAS).

ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU!

BENEDITO ELISEU LEITE CINTRA

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Brasil